O PIBID COMO ESPAÇO FORMATIVO PARA A INCLUSÃO ESCOLAR: UM RELATO DE INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS COM ALUNOS ATÍPICOS NO 1° ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cristiane Pinheiro Ferreira1; Marcileia Franco Ferreira 2;

Sandra Karina Barbosa Mendes 3;

1 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, Pará, Brasil, cristiane.pinheiro@abaetetuba.ufpa.br;

2 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, Pará, Brasil,marcileiafranco.09@gmail.com;

3 Sandra Karina Barbosa Mendes, karinamendes@ufpa.br.

Introdução

A inclusão escolar tem se consolidado como um princípio fundamental da educação brasileira, exigindo práticas pedagógicas que considerem as singularidades dos alunos e garantam condições reais de aprendizagem a todos. Nesse contexto, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) configura-se como um importante espaço formativo, ao possibilitar a articulação entre teoria e prática e ao promover experiências pedagógicas comprometidas com a construção de uma escola inclusiva, especialmente no trabalho com alunos atípicos nos anos iniciais do ensino fundamental, onde é essencial desenvolver intervenções direcionadas e contextualizadas na cultura local.

Este trabalho tem como objetivo relatar e analisar as intervenções pedagógicas realizadas no contexto do PIBID, no âmbito do Subprojeto Alfabetização e letramento em perspectiva inclusiva – abordagens alternativas com os alunos atípicos e neurotípicos nas turmas regulares, coordenado pela prof. Dra. Sandra Karina Barbosa Mendes. Trata-se de um recorte das experiências realizadas no subprojeto, com foco nos alunos atípicos atendidos no subprojeto.

Metodologia

Este relato de experiência apresenta um projeto de intervenção realizado na Escola Dom Ângelo Frosi, no município de Abaetetuba com alunos de uma turma de 1º ano do ensino fundamental. A metodologia dividiu-se em três momentos: inicialmente, realizamos um diagnóstico via observação participante; em seguida, executamos a intervenção por meio da abordagem da cultura do miriti, utilizando desenhos da palmeira, artesanatos tradicionais, como barco e passarinho e escrita espontânea, como estratégias para o processo de alfabetização e letramento. Por fim, os resultados foram analisados qualitativamente com base nos registros em diário de campo e na percepção dos participantes do projeto.

O projeto de intervenção foi desenvolvido a partir da apresentação da palmeira do miriti e da visita ao ateliê onde o artesão produz os artesanatos do miriti, foram realizadas atividades que envolveram diálogo, produções artísticas, leitura e escrita, incluindo propostas de escrita espontânea e mediada. Fundamentado em uma abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, o estudo dialoga com Fonseca (2019), ao compreender que o conhecimento não gira apenas em torno da escola, Barbosa (1980), na perspectiva da abordagem triangular da arte e com Magda Soares (2025) ao defender a alfabetização articulada às práticas sociais de letramento.

Assim, este relato evidencia como intervenções pedagógicas direcionadas às especificidades dos alunos e contextualizadas na cultura local podem favorecer o desenvolvimento da alfabetização e do letramento de alunos atípicos, reafirmando o PIBID como espaço potente de formação docente e de promoção da inclusão escolar.

Desenvolvimento

As intervenções pedagógicas buscaram aproximar os alunos da cultura do miriti. Inicialmente foram apresentados elementos como a palmeira e os brinquedos de miriti, como barco e passarinho. Esse primeiro contato sensorial e visual despertou a curiosidade das crianças favorecendo a construção do conhecimento sobre a cultura local e servindo como ponto de partida para as atividades de alfabetização e letramento. A partir dessa experiência, os alunos produziram desenhos e escritas espontânea relacionada ao miriti, registrando o que compreenderam e perceberam sobre o tema.

As atividades realizadas tiveram como base a cultura do miriti, a partir da apresentação da palmeira do miriti e de artesanatos confeccionados com esse material, como barcos e passarinhos. A proposta envolveu momentos de diálogo, produções artísticas de desenho, atividades de leitura e escrita a partir do texto “O fruto miriti” que abordava a cultura do miriti. As produções artísticas e escritas dos alunos foram registradas por meio de imagens, que serviram como material para análise, possibilitando observar o desenvolvimento dos alunos no processo de alfabetização e letramento.

A proposta pedagógica foi planejada para ir além dos muros da escola e levá-las a conhecer outras realidades, espaços e experiências, permitindo-lhes conhecimentos para além da sala de aula, com a intenção de mostrar para o aluno que conhecer a cultura local é também uma forma de aprender. Segundo Melo Fonseca, Fachin-Terán e Melo Fonseca (2019), “O conhecimento não gira apenas em torno da escola, ele envolve todos os espaços onde há vida (JESUS; LEITE, 2014)”. Nesse sentido realizamos uma vivência na Universidade Federal do Pará, Campus Abaetetuba, onde os alunos puderam conhecer a palmeira de miriti, elemento marcante na cultura de Abaetetuba. Além disso, visitamos um ateliê de produção de brinquedos de miriti, no qual tiveram contato direto com o processo artesanal. Essas experiências favoreceram a ampliação do repertório cultural, estimularam a curiosidade e possibilitaram aprendizagens concretas a partir da observação, do toque e da interação com os materiais. Aprender ultrapassa muros, pois a criança aprende em casa, na comunidade onde está inserida, por meio da sua própria cultura, das vivências e das relações do dia a dia.

Figura1: apresentação da palmeira e dos artesanatos de miriti



Fonte: acervo da pesquisa (2026).

As imagens produzidas pelos alunos revelam diferentes formas de compreender e representar a palmeira do miriti, indo desde desenhos mais figurativos reconhecíveis como tronco, as folhas e os cachos de miriti até traços livres, que expressam o processo inicial de construção da linguagem visual. As produções dos alunos dialogam com as dimensões da Abordagem Triangular defendida por Barbosa (1980) que estar norteado por esses três eixos, movimento de apreciar (observar e interpretar imagens), contextualizar (relacionar ao contexto cultural) e fazer artístico (produzir), pois partem da observação da palmeira do miriti, dialogam com a realidade dos alunos e se concretiza em suas próprias produções. Assim, as imagens produzidas não se configuram apenas como imagem ilustrativa, mas como registro do processo de construção de conhecimento artístico e cultural.

Figura 2: desenhos da palmeira do miriti

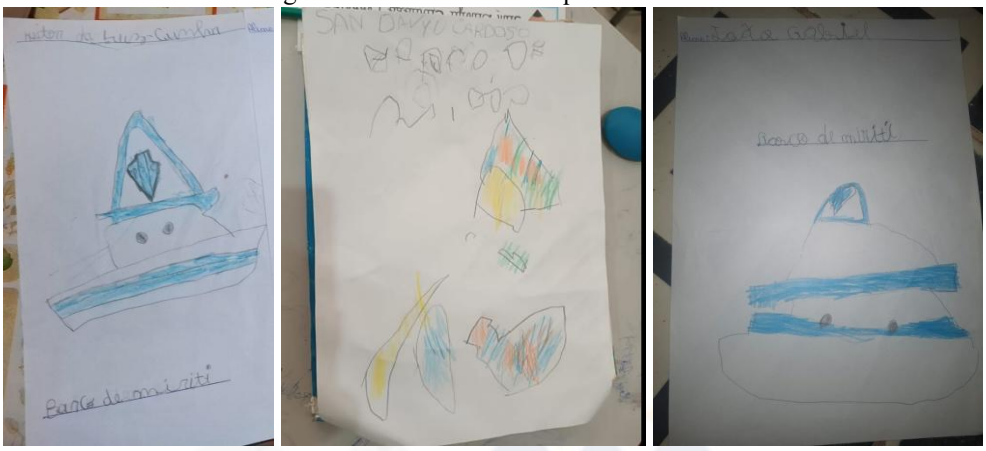


Fonte: acervo da pesquisa (2026).

Soares (2025, p. 13) afirma que “toda criança pode ler e escrever’’, ou seja, que a capacidade de aprender não é um problema, o que faz a diferença são as condições adequadas de ensino, as práticas pedagógicas precisam ser intencionais, sistemáticas e significativas. Alfabetizar não é só ensinar códigos, mas usar a leitura e a escrita em práticas sociais reais como mostra as imagens das produções dos alunos, pois as imagens também são leituras. Além das vivências externas, foram levados para a sala de aula objetos visuais de miriti, com objetivo de favorecer a organização do pensamento dos alunos. As produções evidenciam que os alunos não estão apenas reproduzindo o objeto observado, mas reinterpretando a partir de suas experiências e hipótese de representação. A presença de formas simplificada do barco, a organização do espaço no papel e as tentativas de escrita

revelam níveis de apropriação da linguagem gráfica e do sistema de escrita, ainda em construção. Isso indica que o erro ou a não convencionalidade não são falhas, mas etapas do processo de aprendizagem.

Figura 3: desenhos dos brinquedos de miriti



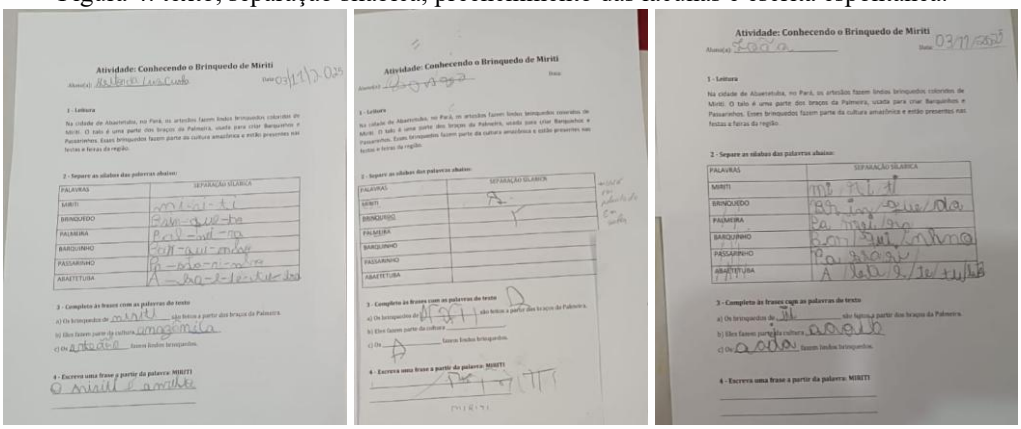
Fonte: acervo da pesquisa (2026).

Além de produções artísticas, foram realizadas atividades de leitura e escrita a partir de um texto sobre a cultura do miriti. Os alunos participaram de propostas de escrita espontânea e escrita mediada, envolvendo a separação silábica, o preenchimento de lacunas e a construção de pequenas frases.

Segundo Magda Soares (2025), a aprendizagem da escrita é um processo construído nas interações sociais e nas práticas de letramento, ao conviver com a escrita, a criança percebe que não se trata de desenho, mas de sinais gráficos convencionados.

Ao analisar as atividades proposta percebe-se que os alunos estão em diferentes níveis de escrita, levantando hipóteses sobre a relação entre fala e grafia. Alguns ainda utilizam registros próximos ao desenho, enquanto outros já demonstram avanços ao usar letras e sílabas mais convencionais. Esse processo confirma o que aponta Magda Soares, ao destacar que a aprendizagem da escrita se constrói nas interações sociais e nas práticas de letramento, permitindo que a criança compreenda, pouco a pouco, a função e a organização do sistema de escrita.

Figura 4: texto, separação silábica, preenchimento das lacunas e escrita espontânea.



Fonte: acervo da pesquisa (2026).

Conclusões

As intervenções pedagógicas apresentadas neste trabalho, desenvolvidas no âmbito do PIBID, evidenciam a relevância de práticas intencionais, contextualizadas culturalmente e significativas para o processo de alfabetização e letramento de alunos atípicos no 1º ano do Ensino Fundamental. A utilização da cultura do miriti como elemento mediador das atividades demonstrou-se uma estratégia potente, pois possibilitou aprendizagens prazerosas, articulando cultura e conhecimento para além dos limites da sala de aula.

As produções das crianças revelaram que a inserção de elementos do cotidiano e da cultura local favorece a construção de sentidos no processo de aprendizagem, tornando-o mais significativo. Ao reconhecer e valorizar a realidade dos estudantes, a prática pedagógica contribui para o fortalecimento da identidade cultural, ampliação dos conhecimentos e maior envolvimento dos alunos com as atividades propostas.

Através das autoras Barbosa, Soares e Fonseca, foi de extrema importância compreender a aprendizagem como um processo mediado pela cultura. Dessa forma, as intervenções reforçam a importância das práticas pedagógicas contextualizadas no cotidiano. Conclui-se, portanto, que as intervenções pedagógicas praticadas com os alunos atípicos contribuíram para o fortalecimento da inclusão escolar e para a formação dos docentes. É de extrema importância enfatizar que o programa PIBID contribui significativamente para a construção de uma educação mais inclusiva para todos.

Palavras-Chave: Pibid; Inclusão escolar; Alunos atípicos; Intervenções pedagógicas.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana. M. Teoria e Prática da Educação Artística. São Paulo: Cultrix, 1980.

FONSECA, Maria Conceição Pereira da; FACHÍN-TÉRAN, Ana Carolina; FONSECA, Maria do Carmo da. Compreensões sobre ciência de crianças ribeirinhas amazônicas. Caderno de Pesquisa, v. 49, p. 312-330, 2019.

SOARES, Magda. Alfaletrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1. Ed. 7. Reimp. São Paulo: Contexto, 2025.